

## Ponderações

*J. Roberto Whitaker Penteado*

Tive, durante alguns anos, na revista Propaganda, uma seção com este nome, que me permitia tratar de assuntos variados, além das críticas que fazia a anúncios, campanhas e ações de marketing. Não tenho saudades das críticas - que me geravam sobretudo antipatia e inimizades – mas lamento ter perdido o espaço para os faits divers...

Por exemplo, para comentar coisas que – parece – ninguém nota, ou não merecem comentários...

Uma delas é o fato de que eu vivia feliz num mundo mais ou menos organizado, onde a capital da China era uma cidade chamada Pequim; quem mandava lá era um cara chamado Mao Tsé Tung e, na Índia, havia uma grande cidade com o nome de Calcutá (que foi, também, nome de musical da Broadway – mas, este, com outro sentido). De repente, fomos obrigados – até agora não sei por quem – a falar e escrever Beijing, Mao Zedong e Kolkata! Caraca! (Isso é novo, também) Se o mundo nunca concordou sequer em escrever Brasil com S, por que é que nós fomos panacas suficientes para entrar na deles? Por que não podemos falar Pequim e Calcutá, se sempre dissemos Munique e Londres – e não Munchen e London – e olha que os alemães e ingleses são bem mais chatinhos que os chineses e indianos. Mistério.

Outra ponderação: o que deu nas pessoas para – em lugares públicos como mercados e aeroportos – forçar aos outros que ouçam as suas conversas nos celulares, falando alto e até berrando? Semana passada, enquanto esperava que o controlador de voo (lembra deles?) decidisse soltar o meu avião, tive de aturar uma longa checagem de uma agenda chatíssima de um cara com sua secretária, além de compartilhar dos assuntos domésticos de uma senhora insossa, sentada atrás de mim. Devia ser proibido.

Outra: já notaram como é certas comunicações públicas são feitas com arrogância autoritária - ou paternalista, ou ambas? Cada vez que chego a Congonhas tenho de aturar um aviso do alto-falante que me diz para “verificar atentamente o número da minha etiqueta de bagagem, o meu nome e sobrenome, nela, assim como o formato e a côr” da ditacuja, como se eu fosse um total imbecil. Dia desses, num elevador da vida, estava escrito “Por favor, acione o alarme apenas em caso de necessidade”, como se eu e você, leitor, apertássemos botões de alarme de elevadores como lazer... E, na estrada, você já deve ter lido: NÃO INSISTA, obedeça à sinalização. Por que o “não insista”? QUEM me está dizendo para não insistir: o Lula, o Nelson Jobim, o Tarso Genro ou o Paulo Lacerda? Ou todos eles?

E, finalmente, por que é que algumas pessoas deixam aqueles recados automáticos de que não vão abrir seus e-mails quando saem de férias – ou mesmo fazem uma viagem de curta duração? Será que é porque fingem que sabem usar o computador e, de verdade, quem usa é a secretária (ou o sobrinho de 9 anos)? Ou é porque sempre vão para lugares selvagens e inóspitos, desprovidos de um simples cybercafé e sem sinal de internet? Ou é só para encher o saco, mesmo. Chi lo saprà?...

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Ponderações. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, set. 2008. Disponível em <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=60&ID=482>>. Acesso em: 25 mar. 2010.